

Ser falante da língua portuguesa

Um valor seguro!

Isabelle de Oliveira



Foto: Arquivo da autora.

A lusofonia representa uma economia-mundo em transformação e revela uma área geoeconómica de limites

estáveis e um ecossistema político, linguístico e cultural. O elemento ligante desse grande desígnio de prosperidade comum é, naturalmente, a língua lusófona – uma língua de cultura e diplomacia. Mas também, uma língua empreendedora do futuro: com 340 a 400 milhões de falantes em 2050 segundo os dados da Unesco, é a quarta língua mais utilizada na Internet, a terceira língua mais utilizada no Facebook e no Twitter, e o poder económico dos falantes de português representa 4% da riqueza mundial. Se a partilha de uma língua é, por si, um agente facilitador nas transacções, a língua portuguesa – uma extraordinária moeda de troca humana – poderia converter-se no eixo manante e luminoso de uma interdependência económica solidária entre as suas centenas de milhões de falantes.

NECESSIDADE DE UMA AFIRMAÇÃO POLÍTICA

Para tal, é fundamental que se arquitectem propostas concretas e não meras teorias vagas e pouco fundamentadas. Nesta matéria, não há lugar ao conformismo. Os problemas concretos não se resolvem com retóricas. Exigem-se credibilidade, conhecimento aprofundado e experiência. Só assim é possível uma efectiva afirmação política que impulse um novo rumo para a lusofonia.

A lusofonia representa uma economia-mundo em transformação e revela uma área geoeconómica de limites estáveis e um ecossistema político, linguístico e cultural.

Urge uma orientação política responsável para as questões da língua no universo lusófono, aplicada neste caso ao português, seja como língua materna, seja como não materna, que não se compadeça com simples afirmações, normalmente tomadas como axiomas, mas dissociadas da realidade internacional. É verdade que não falta quem fale sobre política linguístico-cultural e científica limitando-se, frequentemente, à exclusiva indicação de formas concretas de difusão da língua nas suas diversas vertentes, sem se saber exactamente para quem, onde, como e para quê.

NECESSIDADE DE UMA POLÍTICA LINGUÍSTICA

Na França, demoramos cerca de 40 anos para implementar uma verdadeira política linguística, que resultou na criação da Organização Internacional da Francofonia (OIF), da Agência Universitária da Francofonia (AUF) e de um Ministério da Francofonia, onde a excelência de um trabalho em rede promove, permanentemente, a língua francesa no mundo.

A questão é, pois, muito mais vasta e muito mais complexa do que meras acções fantasmagóricas ou efervescentes discursos floreados. **Não é tempo de experimentalismos, aventuras ou fantasias.**

Estamos em tempo de mudança! Aproveitemo-lo para efectivar uma mudança que irradie o incontestável valor de ser lusófono – que nos outorgue a lusofonia como um valor seguro.

Isabelle de Oliveira

Presidente do Institut du Monde Lusophone – Paris.

História da Medicina

A RAZÃO DE CONHECER

Lybio Junior

Da História da Medicina, o grande aprendizado não está na sequência de nomes e datas que possa ser conhecida, mas na experiência, no exemplo e no legado que nos deixaram aqueles que nosso caminho desbravaram e que permitem melhor compreender a realidade hoje vivida.

Ela nos ensina que não há, nem nunca houve, um único tratamento para toda e qualquer enfermidade, mas que todo e qualquer tratamento tem sua eficácia aumentada com uma boa dose de paciência, de amor e de humanidade.

Que não se dê por esquecido nem se menospreze o quanto realizaram os pajés, os xamãs, os sacerdotes, os antigos médicos egípcios, os do Oriente, os médicos gregos e os romanos, porque eles também foram úteis ao paciente em seu tempo, quando abnegaram e cuidaram, pois, do contrário, a medicina teria desaparecido, e é deles que nos originamos.

Que possa a História da Medicina fazer compreender sempre que há algo mais entre o médico e o paciente capaz de amenizar o sofrimento, de influenciar na cura, que está além da anamnese, da ciência e do medicamento, está na alma, na emoção, no sentimento.

Caminha cegamente pelo presente o médico que não conhece o passado, muito empolgado com os avanços tecnológicos, sentindo-se orgulhoso e onipotente, e não percebe que, apenas e simplesmente, vai Tateando o caminho à sua frente, usando a tecnologia como um cajado.

Lybio Junior

Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Mercado de arte

Guido Arturo Palomba



O mercado de arte é um dos mais interessantes no mundo dos negócios, além de ser, por acréscimo, agradável aos nossos sentidos. Afinal, lida-se com o belo, e esse faz bem à alma.

Traçando a linha do tempo, recorde-se que no Brasil, nos anos 1950, ocorreram dois grandes marcos nas artes plásticas nacionais: a fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo e a Bienal. Os nomes que merecem ser citados são os de Pietro Maria Bardi e de Assis Chateaubriand.

Já na década seguinte (1960), aparecem as primeiras galerias comerciais que, além de pinturas, vendiam móveis e tapetes. Destacam-se a Galeria Bonino, no Rio de Janeiro, e a Galeria André, em São Paulo.

Registre-se, outrossim, que o primeiro grande leilão de artes deu-se em 1963/1964, promovido pela Cerâmica

São Caetano, para arrecadar verbas para a Construção do Hospital Israelita Albert Einstein.

Foi nessa década, 1960, mais precisamente em 1967/1968, que o mercado agitou-se, por intermédio de Joseph Baccaro, Benjamin Stain e Marcos Marcondes, que promoviam leilões específicos de pinturas, esculturas e desenhos.

A seguir, na década de 1970, surgiu a figura ímpar de um dos primeiros grandes leiloeiros do Brasil, José Paulo Domingues, que fundou a Colectio Galeria e Leilões, a qual funcionou, inicialmente, no Bufê França, frequentado pela nata da sociedade paulista. Faziam-se leilões em homenagem a determinados artistas, cuja produção o leiloeiro comprava antecipadamente para introduzir no mercado de modo cadenciado.

Em 1974/1975, José Paulo Domingues (juntamente com dois sócios) abriu local específico para a realização dos leilões, à Av. Brigadeiro Luiz Antônio, em frente ao atual Hotel Unique. Esta foi a primeira casa a promover leilões em São Paulo.

Com o fechamento da Colectio, Irineu Ângelo continuou a atividade e foi quem dominou o comércio nos anos 1980, lembrando que nessa década, Marcos Villaça, *marchand*, deu grande impulso às artes nacionais, promovendo eventos no exterior, chamando a atenção de europeus e norte-americanos para os artistas brasileiros.

No início dos anos 1990, dá-se a grande expansão dos leiloeiros e *marchands*, época em que a oferta e a procura por quadros, esculturas e desenhos cresceram grandemente. Os compradores passaram a acreditar na arte brasileira. Curiosamente, os leilões em São Paulo (e no Brasil) eram realizados pela Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, que vinha à cidade promovê-los. À época já havia liquidez para a venda de quadros, com promoção de artistas, os quais passaram a se profissionalizar.

Ao adentrar o século XXI, na primeira década, o número de galerias e de leilões teve um extraordinário crescimento, adquiriu solidez, poder de venda e de compra, com promoção de eventos constantes. Várias casas passaram a comercializar obras abrangendo todos os gostos de colecionadores ou a dedicar-se a artistas e técnicas, padrões e estilos específicos.

Do ano de 2010 para cá, pode-se dizer que, com o advento da Internet, os participantes foram exponencialmente se multiplicando, e o mercado de arte no Brasil tornou-se de dimensões internacionais. Se nos anos 1970 os leilões eram marcados pela presença física do participante, hoje, 60 a 70% das vendas são *online* ou por telefone. A bem ver, o comprador pode estar em qualquer lugar do mundo e dar lances.

No Brasil, os mercados aquecidos são, por ordem de volume de vendas, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba, lembrando que o número de salões e feiras de arte com a participação cada vez maior de galerias internacionais aumentou grandemente, consolidando o comércio de arte no Brasil.

Um artista, para adquirir preço, precisa, obviamente, ter talento. Porém, obrigatoriamente, de um *marchand*, que cuide de sua carreira, conduza, promova, faça exposição e eventos. E, por conseguinte, que o artista corresponda ao sistema comercial, seguindo as recomendações de seu curador, considerando que o mercado é dinâmico, e quem não tiver um bom respaldo técnico de nada valerá o seu talento.

Curioso notar que não são muitos os artistas que têm grande liquidez no mercado de arte, cerca de cem. Se abrir o leque, muitos outros entram, mas já não tão rápidos de serem comercializados quanto aqueles, e mesmo

assim, não chegam a mil nomes. Mas, a bem ver, todos vendem, e um fato é certo: dificilmente um artista, no decorso de sua vida, e depois de falecido, perde preço. A tendência é sempre subir com o tempo.

Quanto ao estilo, tendência, técnica etc., sendo obras produzidas pelos consagrados, tudo vende, e a procura é grande.

Para aqueles que desejam iniciar-se nesse ramo, um dos mais importantes leiloeiros do Brasil, James Lisboa (citado entre os duzentos melhores do mundo, de quem, mais adiante, vamos falar), dá três dicas ao iniciante investidor.

Primeira, frequentar exposições e ir aos leilões para familiarizar-se com a dinâmica. *Segunda*, escolher um artista e informar-se sobre a sua produção, técnica etc.; *terceira*, adquirir aquilo que gosta, pedindo documentos da peça e notas de aquisição.

Com todo o respeito, acrescentaríamos outro ponto fundamental: conhecer a trajetória da casa de leilões e não comprar trabalhos de instituições que fazem apenas eventos *online*, bem como desconfiar se houver discrepância grande entre o preço de mercado e o oferecido, pois, com certeza, a procedência é ruim ou a peça de má qualidade.

Em entrevista pessoal com o ilustre leiloeiro James Lisboa, perguntamos se era possível descobrir um novo talento, comprar as suas obras e, no futuro, ganhar dinheiro. Resposta: "é impossível descobrir artistas vivos que serão consagrados no futuro, que vão galgar o mercado, pois as variáveis são infinitas. Porém – arremata –, por curiosidade, os que têm mais de 40 anos, adquirem peças de qualquer época; os que têm 25/30 anos, com estrutura financeira, compram artistas contemporâneos".

Não poderia encerrar este artigo sem falar algumas palavras sobre o já citado maior leiloeiro brasileiro (com todo o respeito a todos os outros ilustres e valiosíssimos profissionais) James Arthur Lobo Lisboa, o querido James Lisboa, que é muito ligado à APM, frequenta os seus eventos culturais e presta ajuda inestimável para a catalogação e precificação do acervo, tudo graciosamente.

Do ano de 2010 para cá, pode-se dizer que, com o advento da Internet, os participantes foram exponencialmente se multiplicando, e o mercado de arte no Brasil tornou-se de dimensões internacionais.



James Lisboa

James, desde o berçário, respira cultura, pois seus pais, além de apreciadores do belo, a mãe lecionava arte: "eu vivi nesse meio, desde criança ia à Bienal e conheci muitas pessoas, entre elas, Assis Chateaubriand... minha mãe era amiga de Pancetti" (José Pancetti, ícone da pintura brasileira).

Curiosamente, James também foi artista plástico. Suas primeiras exposições foram nos anos 1960. Recorde-se que em 1968 começou, em São Paulo, um movimento que reunia artistas na Praça da República, posteriormente organizado pela Prefeitura (em 1971), a qual distribuía alvarás aos expositores. James recebeu um deles e, assim, ao lado de figuras tradicionais da época (Moises, Maria Auxiliadora, Aravena, Suzuki etc.), passou a comercializar as suas obras.

– Qual o seu estilo James? "Eu abordava os temas bíblicos, sacros, de modo *naif*."

– Você fez alguma exposição individual? "A primeira, em 1973, foi um sucesso e a partir daí passei a viver da arte, espalhando os trabalhos por diversas galerias, até que um dia, em 1975, eu tinha algum dinheiro para receber da Galeria Marino Gouveia e, em vez de pegá-lo, comprei dois pequenos quadros de Clovis Graciano (outro ícone das artes plásticas brasileiras)."

– Guardou-os até hoje? "Não, vendi um, que pagou os dois e aí despertou o ímpeto do comércio, de trabalhar com artes em geral."

– Você parou de pintar? "Sim, em 1977/1978, quando montei uma molduraria, mas, depois de uns anos, como não trazia satisfação pessoal e querendo uma nova perspectiva de vida, tive a oportunidade de me tornar leiloeiro oficial. O meu título está datado de 30 de julho de 1986, mas o primeiro leilão foi quase um ano depois, em junho de 1987, no Tenis Clube de Campos de Jordão."

– Qual foi o caminho percorrido até os dias atuais? "Foi de muito trabalho, fiz muitos leilões, para o Renot, Pro Art, Villa Antica e muitas outras galerias, na capital e no interior."

– Quando inaugurou a sua casa própria? "Em 2000, no Club Holmes, abri a primeira galeria e em 2003/2004 a primeira casa de leilões, na Rua Artur Azevedo. Lá ficava o acervo e o pregão era no Fasano, lotava, foi ótimo. Em 2005, fomos, definitivamente, para a Rua Dr. Melo Alves 397, onde ocorrem os eventos."

– James, por favor, conte-nos um fato engraçado ou pitoresco que ocorreu durante esses anos como leiloeiro. "São muitos, não digo engraçado, mas pitoresco, por exemplo, em uma cidade do litoral, teve um participante que bebeu muito e comprou em excesso. No dia seguinte, o filho ligou e, bravo, falou que nós demos bebida ao pai, que nós eramos os culpados. Acabamos distratando as compras e isso serviu de lição. Outro fato pitoresco foi em um salão do interior de São Paulo, o marido estava no fundo da sala e a sua mulher na frente. Um não sabia da presença do outro e acabaram disputando ferrenhamente uma peça. No final, ficou tudo esclarecido e acabamos entrando em entendimento."

– James, conte-nos qual o perfil do comprador. "Todos os perfis possíveis, pessoas de todas as idades, colecionadores, investidores, amantes das artes, mas nunca vai deixar de existir a compra emocional. O leilão é um ato empolgante e por isso ocorrem as disputas, quando as obras têm que ser compradas a qualquer preço. Chega a ser uma questão de ego, quem pode mais, e às vezes uma peça tem o seu lance mínimo inicial a ultrapassar todos os limites, quadruplica, quintuplica, é pura emoção a contagiar os presentes, até os mais experimentados leiloeiros não são imunes à pura emoção em disputa do belo."

Muito obrigado.

Guido Arturo Palomba

Diretor da Associação Paulista de Medicina e responsável por sua Pinacoteca.

Temperos terapêuticos!

Fabia Cilene Dellapiazza



SOMOS SERES CERCADOS PELOS SENTIDOS!

Responsáveis por nos equipar de elementos ao longo da vida, os sentidos refletem "ensaios" de estímulo/resposta particulares e fartos de simbolismo.

O som, por exemplo, nos é apresentado ainda no ventre materno. Odores, sabores, texturas e imagens ganham "forma" conforme crescemos, amadurecemos e experimentamos, cada qual em um cenário recheado de expectativas.

Aprendemos, por exemplo, a distinguir quando um toque é prazeroso ou não; nossa visão passa ser crítica de arte conforme nos familiarizamos com ela; lembramos do saboroso chá da mamãe e seu beijo na testa naquelas manhãs despertadas pela indisposição; o mesmo saudosismo ocorre quando ouvimos uma canção, e a lembrança nos remete a circunstâncias secretas... e, assim, nosso "talento" em discriminar, imaginar e selecionar os sentidos nos presenteia com a **memória afetiva**, proporcionando sensações ímpares, intensas e intransferíveis! Boas ou ruins!

Gostaria de destacar neste texto dois sentidos que estão diretamente relacionados aos temperos: a gustação e a olfação, pois mesmo aqueles desprovidos de visão, audição e membros para o toque são capazes de senti-los!

"Obras primas" da natureza e coadjuvantes da história da humanidade, os temperos atravessam fronteiras; apresentam características peculiares; combinações variadas e, por meio deles, podemos identificar uma determinada região geográfica, ritos religiosos, cultura gastronômica e até uma inclusão terapêutica, quando se trata de princípios ativos secundários e já descritos por Hipócrates, a erva-doce, o tomilho, o funcho e a salsa eram utilizados como "remédios", fármacos vegetais abundantes no ecossistema.

Os temperos ou especiarias já foram utilizados como conservantes, em numa época onde não havia geladeiras ou *freezers*; como escambo na colonização; em rituais religiosos ou cerimônias como nascimento, morte, casamento, curas ou em guerras, porém, entre todas as finalidades, extraordinariamente fornecem sabor, odor e cor à rica e criativa culinária. Os temperos são terapêuticos para a "alma" do alimento, assim como nossas memórias afetivas são para nós!

Prove-os!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FURLAN, Marcos Roberto. *Ervas e temperos: cultivo e comercialização*. Sebrae, 1998.
- HARAGUCHI, Linete Maria Menzenga; CARVALHO, Oswaldo Barretto de (org.). *Plantas medicinais*. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010.
- HIRSCH, Sonia. *Manual do herói ou a filosofia chinesa na cozinha*. CorreCotia.
- LAMEIR, Osmar Alves; PINTO, José Eduardo Brasil Pereira (ed.). *Plantas medicinais: do cultivo, manipulação e uso à recomendação popular*. Belém: Embrapa Amazônica Oriental, 2008.
- LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. *Plantas medicinais no Brasil*. 2. ed. Instituto Plantarum, 2008.
- MONTEIRO, Siomara da Cruz; BRANDELLI, Clara Lia Costa. *Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação*. Artmed, 2017.
- SIMÕES, Claudia Maria Oliveira; SCHENNEL, Eloir Paulo; MELLO, João Carlos Palazzo de; MENTZ, Lilian Auler; PETROVICK, Pedro Ros. *Farmacognosia: do produto natural ao medicamento*. Artmed, 2017.

Fabia Cilene Dellapiazza

Terapeuta Ocupacional com aprimoramento em Saúde Mental. Especialista em Acupuntura.

Aurélio Borelli, 1927-2019

José Luiz Gomes do Amaral



Aurélio Borelli

A areia do tempo encarrega-se de esconder imagens do passado. A nós fica o trabalho de afastá-la das boas lembranças e trazê-las à luz.

Custa-me precisar quando, se, na década de 1960 ou 1970 (vão-se lá, talvez, 50 anos), ainda garoto, conheci Aurélio e Marilu, na casa de meus avós paternos. A visita deles era celebrada como um “acontecimento”, e o nome do Aurélio sempre pronunciado com reverência.

À época, não ousaria pensar em tornar-me médico. Hoje, dão-me seus filhos a honra de recordá-lo, como um grande entre seus pares.

Aos mais de 90 anos de idade, deixa-nos Aurélio Borelli a imagem de homem exemplar, querido por seus familiares, médico dedicado, renomado cientista e respeitado professor.

A escolha pela Medicina tem como pressuposto amor ao próximo e desejo de aliviar-lhe o sofrimento, oferecendo-lhe saúde.

Traz esta opção implícitas obrigações éticas, que exigem disponibilidade integral à atenção dos que lhe buscarem, bem como sólida qualificação técnica e científica.

Cumpriu-as, Aurélio Borelli, com denodo.

É o que hoje, diante de seus familiares e amigos, venho testemunhar.

Faço-o em nome da Academia de Medicina de São Paulo, colegiado que integrou desde 1986, como Titular e Emérito, tendo ali ocupado a Cadeira n. 47, cujo patrono é Benedito Augusto de Freitas Montenegro.

Graduou-se Aurélio Borelli pela prestigiosa Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde se especializou na Clínica Médica e na Endocrinologia.

Aprimorou-se no exterior, em não menos renomadas instituições, como a Cornell University, em Nova Iorque, no University College Hospital, em Londres, no Massachusetts General Hospital, em Boston, nos laboratórios de histomorfometria da Faculdade Alexis Carrel, em Lyon, e de metabolismo ósseo da Universidade de Connecticut, em Farmington.

Com Antônio de Barros Ulhôa Cintra e Maria Odete Ribeiro Leite, “fundou” o Grupo de Metabolismo Mineral do Hospital das Clínicas. Galgou com brilhantismo os degraus de carreira universitária, doutor, docente livre da USP e professor da Universidade de Mogi das Cruzes.

Teve intensa vida associativa junto às sociedades de Endocrinologia e Metabologia e Associação Paulista de Medicina. Foi ainda membro de muitas outras sociedades médico-científicas, seja no Brasil, seja no estrangeiro.

Deixa registro de inúmeras e relevantes publicações.

Foi um homem que fez o seu tempo e honrou sua profissão.

Na Academia de Medicina de São Paulo, será sua lembrança imortalizada sempre que titulares e eméritos sucederem-se na Cadeira que ele dignificou.

É o compromisso que hoje reafirmo.

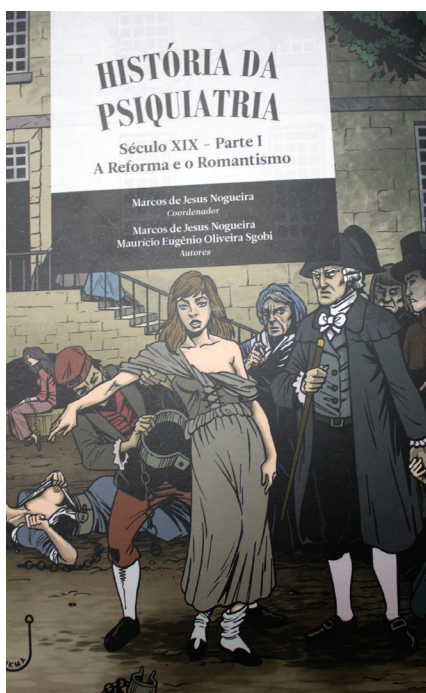
José Luiz Gomes do Amaral

Presidente da Academia de Medicina de São Paulo.



coluna do livro

História da Psiquiatria



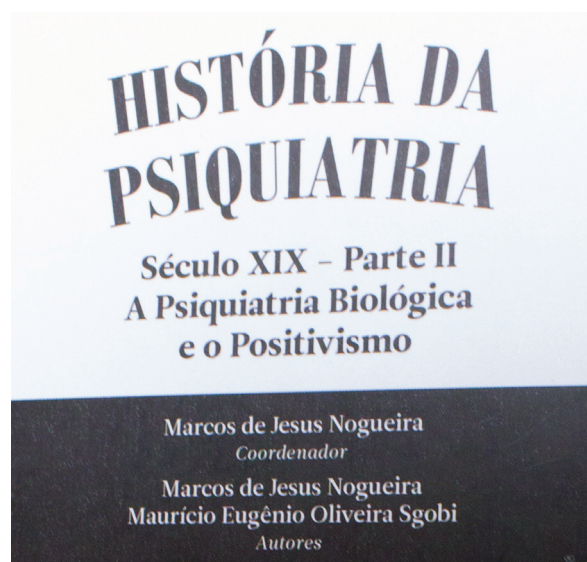
Raríssimas vezes esta Coluna comentou sobre livros recém-lançados.

Se hoje aborda-se um deles (título em epígrafe), de autoria de Marcos Jesus Nogueira, e colaboração de Maurício Eugênio Oliveira Sgobi, é porque se trata de obra de singular valor, histórica, que recebeu o Prêmio Ivolino de Vasconcelos, concedido pela Sociedade Brasileira de História da Medicina, durante o 24º Congresso Brasileiro, promovido pela Entidade, em outubro transato.

São dois volumes: o primeiro (81 páginas) abrange da Reforma ao Romantismo; e o segundo (107 páginas), a Psiquiatria Biológica e o Positivismo.

Ricamente ilustrado, com abordagem dos temas de modo sintético, esquemático e deveras adequado, além de muito agradável de ler. Impresso pela Editora Cubo, 2019, em papel *couché* brilhante, 120 gr.

Doado à biblioteca da APM pelo autor, em outubro de 2019.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.